



MOBILIDADE ACADÊMICA 2013

29 de setembro de 2013

BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: _____ N.º de Inscrição: _____

ÁREA III – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES I

Administração; Biblioteconomia; Ciências Econômicas; Ciências Contábeis e Turismo.

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTEs.

- 1 Este **Boletim de Questões** contém 40 questões objetivas, sendo 10 questões de **Língua Portuguesa**, 10 de **História**, 10 de **Geografia** e 10 de **Matemática**.
- 2 Confira se, além deste boletim, você recebeu o **Cartão-Resposta**, destinado à marcação das respostas das questões.
- 3 Verifique se o seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no **Cartão-Resposta**. Em caso de divergência, notifique imediatamente o fiscal de sala.
- 4 É imprescindível que você marque as respostas das questões de múltipla escolha no Cartão-Resposta com **caneta esferográfica de tinta preta ou azul**, sob pena da impossibilidade de leitura óptica. Na marcação do Cartão-Resposta, você **não** deverá, **sob pena de ter a questão anulada**, utilizar lápis (grafite) e/ou corretivo de qualquer espécie.
- 5 Uma vez entregue pelo fiscal de sala, o Cartão-Resposta é de inteira responsabilidade do candidato e não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo, sob pena de o candidato arcar com os prejuízos advindos da impossibilidade de realização da leitura óptica.
- 6 O Cartão-Resposta só será substituído se nele for constatado erro de impressão.
- 7 Do Cartão-Resposta não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com mais de uma alternativa marcada e/ou com marcação feita com caneta de cor e material diferentes daqueles que constam no item 4.
- 8 O tempo disponível para esta prova é de **três horas**, com início **às 9 horas e término às 12 horas**, observado o horário de Belém/PA.
- 9 Os rascunhos e as marcações assinaladas no **Boletim de Questões** não serão considerados na avaliação.
- 10 Ao terminar a prova, você deverá devolver ao fiscal de sala todo o material acima especificado assinar a lista e presença.



LÍNGUA PORTUGUESA

Leia os textos 1 e 2, de Lúcio Flávio Pinto, para responder às questões de 01 a 10.

Texto 1 A lei? Ah, a lei!

01 Os carros que sobem pela Wandenkolk fecham o cruzamento com a João Balbi, na qual forma-se uma
02 longa fila de veículos. O motorista de um ônibus manobra na João Balbi e bloqueia os carros que tentam
03 continuar a avançar pela Wandenkolk. Uma vez ocupada a largura da rua, o motorista coloca o braço para fora
04 e chama seus colegas de infortúnio a aproveitar a barreira que montou e seguem seu caminho. Os motoristas
05 que trancaram o cruzamento buzina desesperados. Estão experimentando o veneno que criaram – e do qual
06 não gostaram, naturalmente.

07 Quando passei pelo ônibus, mirei o motorista com admiração e respeito. Já que uma regra fundamental
08 do trânsito foi desrespeitada, ele resolveu radicalizar. Na loucura do trânsito de Belém do Pará, para doido, só
09 doido e meio.

10 O sinal fica definitivamente vermelho no trecho final da Domingos Marreiros com a José Bonifácio. Três
11 carros avançam com velocidade, obrigando dois pedestres, que estavam na faixa de travessia da rua, a recuar.
12 Quando eles retomam a caminhada, uma motocicleta corta a faixa. A luz vermelha já ultrapassara metade do
13 seu tempo. Por sorte, ninguém foi atropelado.

14 Cenas de algo que vai dominando a vida na capital do Pará: a falta de educação, a incivildade e a
15 selvageria. O predomínio do mais forte, a instauração do caos. A cada dia, um ponto a mais nessa
16 degenerescência. Por ironia, quanto mais dinheiro as pessoas têm, seja em pequena ou grande quantidade,
17 mais tentam impor sua vontade e seus interesses aos demais – através da força, do poder a que têm acesso.
18 Um drama vivido em escalas e espreado por todo o tecido urbano.
19 Nunca a lei foi tão potoca quanto agora.

Texto 2 O outro não existe

01 Outra demonstração de barbárie é a indiferença dos motoristas de carrões pela sorte de moradores de
02 ruas alagadas. Com certo sadismo, esses motoristas aceleram na passagem pelos trechos inundados. Fazem a
03 água invadir as casas próximas e, quando podem, dão um banho de água suja nos transeuntes.

04 O código de trânsito devia tornar esse comportamento passível de punição e fiscalizar rigorosamente a
05 ação desses bárbaros.

06 Mas pensando bem: se na tempestade que desabou sobre Belém nos dois últimos dias úteis da
07 semana passada não se encontrava qualquer guarda de trânsito nas vias congestionadas e nos cruzamentos
08 bloqueados, que provocaram extensos congestionamentos, a quem recorrer?

Jornal Pessoal, abril de 2013, 1ª quinzena, p. 20.

1 No trecho “Uma vez ocupada a largura da rua, o motorista coloca o braço para fora e chama seus colegas de infortúnio a aproveitar a barreira que montou e seguem seu caminho.” (linhas 03 e 04), do texto 1, a expressão “colegas de infortúnio” refere-se

- (A) aos motoristas de ônibus que subiam a Wandenkolk.
- (B) aos motoristas de ônibus que estavam na João Balbi.
- (C) aos condutores dos veículos que subiam a Wandenkolk.
- (D) aos condutores dos veículos que estavam na João Balbi.
- (E) a todos os que estavam no cruzamento de que trata o texto.

2 No trecho “Estão experimentando o veneno que criaram – e do qual não gostaram, naturalmente.” (linhas 05 e 06), do texto 1, o autor expressa a ideia de que

- (A) a situação criada pela minoria dos condutores dos veículos prejudicou a todos.
- (B) a culpa pelo transtorno criado era dos condutores que subiam a Wandenkolk.
- (C) as vítimas da situação da qual fala o autor eram os motoristas da João Balbi.
- (D) o som das buzinas expressava a insatisfação dos condutores prejudicados.
- (E) é natural que as pessoas buzinem em situações como a descrita pelo autor.



- 3** Ainda no texto 1, do trecho “Quando passei pelo ônibus, mirei o motorista com admiração e respeito. Já que uma regra fundamental do trânsito foi desrespeitada, ele resolveu radicalizar. Na loucura do trânsito de Belém do Pará, para doido, só doido e meio.” (linhas 07 a 09), é correto dizer que o autor aprovou a atitude do motorista de ônibus por
- (A) considerar que uma atitude como esta não é excessiva.
 - (B) não concordar com a regra de trânsito desobedecida por este.
 - (C) considerar que aos motoristas de ônibus deve ser dada prioridade.
 - (D) apreciar a atitude corajosa de impor sua vontade aos demais.
 - (E) ser favorável a atitudes radicais em situações como a do texto.
- 4** No texto 1, o pronome seu no último período do fragmento “O sinal fica definitivamente vermelho no trecho final da Domingos Marreiros com a José Bonifácio. Três carros avançam com velocidade, obrigando dois pedestres, que estavam na faixa de travessia da rua, a recuar. Quando eles retomam a caminhada, uma motocicleta corta a faixa. A luz vermelha já ultrapassara metade do seu tempo.” (linhas 10 a 13) refere-se a
- (A) “o sinal”.
 - (B) “três carros”.
 - (C) “dois pedestres”.
 - (D) “uma motocicleta”.
 - (E) “luz vermelha”.
- 5** No texto 1, o significado de “degenerescência” em “A cada dia, um ponto a mais nessa degenerescência.” (linhas 15 e 16) é
- (A) desordem.
 - (B) decadência.
 - (C) descaso.
 - (D) deturpação.
 - (E) depravação.
- 6** O conector pois poderia ser empregado entre os períodos do fragmento
- (A) “Os carros que sobem pela Wandenkolk fecham o cruzamento com a João Balbi, na qual forma-se uma longa fila de veículos. O motorista de um ônibus manobra na João Balbi e bloqueia os carros que tentam continuar a avançar pela Wandenkolk.” (linhas 01 a 03 do texto 1)
 - (B) “Já que uma regra fundamental do trânsito foi desrespeitada, ele resolveu radicalizar. Na loucura do trânsito de Belém do Pará, para doido, só doido e meio.” (linhas 07 a 09 do texto 1)
 - (C) “O sinal fica definitivamente vermelho no trecho final da Domingos Marreiros com a José Bonifácio. Três carros avançam com velocidade, obrigando dois pedestres, que estavam na faixa de travessia da rua, a recuar.” (linhas 10 e 11 do texto 1)
 - (D) “Quando eles retomam a caminhada, uma motocicleta corta a faixa. A luz vermelha já ultrapassara metade do seu tempo.” (linhas 12 a 13 do texto 1)
 - (E) “Com certo sadismo, esses motoristas aceleram na passagem pelos trechos inundados. Fazem a água invadir as casas próximas e, quando podem, dão um banho de água suja nos transeuntes.” (linhas 02 e 03 do texto 2)
- 7** No texto 1, em “Estão experimentando o veneno que criaram – e do qual não gostaram, naturalmente.” (linhas 05 e 06) tem-se um exemplo de
- (A) ironia.
 - (B) antítese.
 - (C) eufemismo.
 - (D) metonímia.
 - (E) prosopopeia.



8 Com relação aos textos 1 e 2, o elemento que expressa relação de anterioridade e posterioridade entre as ideias expressas no fragmento em que ocorre é

- (A) “Uma vez ocupada a largura da rua, o motorista coloca o braço para fora e chama seus colegas de infortúnio a aproveitar a barreira que montou e seguem seu caminho.” (linhas 03 e 04 do texto 1)
- (B) “Quando passei pelo ônibus, mirei o motorista com admiração e respeito. Já que uma regra fundamental do trânsito foi desrespeitada, ele resolveu radicalizar.” (linhas 07 e 08 do texto 1)
- (C) “O predomínio do mais forte, a instauração do caos. A cada dia, um ponto a mais nessa degenerescência.” (linhas 15 e 16 do texto 1)
- (D) “Fazem a água invadir as casas próximas e, quando podem, dão um banho de água suja nos transeuntes.” (linhas 02 e 03 do texto 2)
- (E) “Mas pensando bem: se na tempestade que desabou sobre Belém nos dois últimos dias úteis da semana passada não se encontrava qualquer guarda de trânsito nas vias congestionadas e nos cruzamentos bloqueados, que provocaram extensos congestionamentos, a quem recorrer?” (linhas 06 a 08 do texto 2)

9 Dos textos 1 e 2, o fragmento que não contém exemplo de linguagem coloquial é

- (A) “Os motoristas que trancaram o cruzamento buzinam desesperados.” (linhas 04 e 05 do texto 1)
- (B) “Na loucura do trânsito de Belém do Pará, para doido, só doido e meio.” (linhas 08 e 09 do texto 1)
- (C) “Cenas de algo que vai dominando a vida na capital do Pará: a falta de educação, a incivilidade e a selvageria.” (linhas 14 e 15 do texto 1)
- (D) “Nunca a lei foi tão potoca quanto agora.” (linha 19 do texto 1)
- (E) “O código de trânsito devia tornar esse comportamento passível de punição e fiscalizar rigorosamente a ação desses bárbaros.” (linhas 04 e 05 do texto 2)

10 No que diz respeito aos tipos textuais, sobre os textos 1 e 2 é correto dizer que

- (A) o primeiro é predominantemente descritivo e o segundo é predominantemente argumentativo.
- (B) o primeiro é predominantemente narrativo e o segundo é predominantemente argumentativo.
- (C) o primeiro é predominantemente argumentativo e o segundo é predominantemente descritivo.
- (D) o primeiro é predominantemente narrativo e o segundo é predominantemente descritivo.
- (E) apesar de conter fragmentos descritivos e argumentativos, em ambos predomina a narração.

HISTÓRIA

11 Leia atentamente o trecho abaixo e responda à questão proposta.

“Falarei, portanto, demoradamente da história, do tempo da história. Menos para os leitores desta revista [dos Annales], especialista em nosso campo de estudo, do que para os nossos vizinhos das ciências humanas. (...) Das experiências e tentativas recentes da história se depreende – de modo consciente ou não, aceito ou não – uma noção cada vez mais precisa da multiplicidade do tempo e do valor excepcional da longa duração”.

Fernand Braudel. “História e ciências sociais: a longa duração”. In Fernando Novais & Rogério F. da Silva (orgs.). *Nova história em perspectiva. Volume 1: propostas e desdobramentos*, São Paulo: Cosacnaify, 2011, p. 89.

De acordo com o trecho acima e com as ideias expostas sobre o tempo histórico por seu autor, este tempo caracteriza-se por ser:

- (A) múltiplo, variado e dependente da luta de classe (tempo curto) e dos modos de produção (tempo longo), como destacava o marxista Fernand Braudel, dentro da revista histórica francesa dos Annales.
- (B) variado e dependente das conjunturas nacionais (tempo curto) e internacionais (tempo longo). Este tempo também foi marcado pelos ideais historicistas Braudelianos, que prevaleciam na revista histórica dos Annales.
- (C) segmentado em tempos médio (econômico) e longo (geográfico), à imitação entre os historiadores dos Annales e os cientistas humanos estruturalistas, como o antropólogo francês Lévi Strauss, inventor dessa segmentação.
- (D) dividido entre a longa duração (classes sociais) e a curta duração (tempo geográfico), em um claro combate à ideia estruturalista de um tempo diferenciado para sociedades “frias” (simples) e “quentes” (complexas).
- (E) dividido entre tempos curtos, (dos acontecimentos factuais), do médio (da história social) e do longo (das mudanças espaciais e geográficas) em um claro debate entre os historiadores dos Annales e os cientistas sociais.



- 12** “A sociedade medieval foi, mais do que muitas outras, uma sociedade de oposições e, se recusou o maniqueísmo doutrinal, praticou um maniqueísmo de fato através de oposições de tipo bons/maus, ou então, de tipo superior/inferior. [...] Todavia o fato de terem tomado consciência de que a sociedade se ia tornando mais complexa, levou os homens da Idade Média a preferirem esquemas mais articulados do que o simplista esquema binário. [...] o esquema que mais sucesso teve entre os clérigos e o que mais sucesso tem, atualmente, entre os historiadores, é o trifuncional...”.

Jacques Le Goff. “O homem medieval”. In Jacques Le Goff (org.). *O homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p. 15.

De acordo com as ideias expostas no trecho acima e segundo o pensamento de historiadores como Jacques Le Goff, a sociedade feudal caracterizava-se por ser:

- (A) binária e marcada pela oposição básica e maniqueísta entre bons e maus, ou entre superiores e inferiores, pois era uma sociedade simples e que não teve chances de se tornar complexa.
- (B) binária no início e, posteriormente, mais complexa e tripartida, caracterizada pela presença dos cavaleiros (que batalhavam), dos clérigos (que oravam) e dos camponeses (que trabalhavam).
- (C) alternadamente binária e trifuncional, ora acreditando na divisão de classes sociais (superiores e inferiores) e ora crendo em uma sociedade de trabalhadores, de padres e de reis absolutos.
- (D) simultaneamente binária e tripartida, pois havia lugares na Europa medieval mais atrasados, onde somente havia ricos e pobres e havia outros locais, mais complexos, onde existiam cavaleiros, clérigos e trabalhadores (camponeses e operários).
- (E) apenas tripartida, caracterizada pela presença daqueles que oravam (clérigos), dos que combatiam/trabalhavam (cavaleiros/camponeses) e dos que governavam (reis e nobres).

- 13** Sobre a obra de Fernand Braudel intitulada *A identidade da França*, escreveu o historiador inglês Perry Anderson:

“A reivindicação de Braudel para a França reflete a primazia teórica que ele concedia à geografia em geral na causação social. A França, para Braudel, teria, geograficamente, uma riqueza de ambientes e recursos contrastados sem igual entre seus vizinhos. Na realidade, contudo, a França distinguiu-se historicamente de seus vizinhos não tanto por sua variedade geográfica, como por sua unidade política conseguida cedo. Outro problema: as alegações de diversidade e continuidade na construção da identidade francesa proposta por Braudel compartilham, contudo, uma estrutura comum. Elas deveriam ser lidas não como descoberta da história empírica, mas como pontos fixos da ideologia nacional. Todas as mitologias étnicas têm um caráter territorial ou genealógico – traçando a identidade do grupo até uma alocação original ou uma ancestralidade primordial”.

Trecho adaptado. Perry Anderson. “Fernand Braudel e a identidade nacional”. *Zona de compromisso*. São Paulo: UNESP, 1996, p. 138, 139, 140 e 141

As críticas de Perry Anderson à obra de Fernand Braudel representam posições teóricas diferentes entre os dois historiadores. São estas as posições:

- (A) Braudel era marxista e seus ideais pautavam-se em posições estruturalistas, que valorizavam a geografia em detrimento da história política. Já Anderson era positivista e acreditava na história política e no seu desatrelamento da causa geográfica.
- (B) Anderson criticava a postura de Braudel que, como representante da escola dos Annales, percebia o papel primordial da longa duração (geografia) para a compreensão da identidade da França. Para Anderson a história era de cunho social, repleta de ideologia (mitos étnicos nacionalistas) e de lutas de classe.
- (C) Anderson era marxista e criticava a concepção estrutural e de longa duração proposta por Braudel, um dos membros da escola dos Annales. Os dois, contudo concordavam sobre o significado das estruturas sociais e ideológicas capitalistas, sendo conhecidos combatentes políticos dessas estruturas.
- (D) Braudel era francês, ligado aos Annales, que, por sua vez, eram um dos braços ideológicos do partido comunista francês. Já Anderson era um comunista inglês de outra linha de ação. A teoria foi apenas um pano de fundo ideológico para o debate político sobre os rumos dos dois partidos comunistas (o francês e o inglês).
- (E) Braudel era representante do partido comunista francês e sua concepção teórica estava pautada na chamada escola dos Annales, para a qual a geografia escondia a luta estrutural e identitária de classes. Já Anderson era do partido comunista inglês, que percebia a luta de classes na ação social e ideológica das estruturas sociais e políticas.



14 Leia atentamente o trecho abaixo e responda a questão proposta.

“Antes de terminar o século XVIII, era evidente que a Inglaterra se tornara, após a Holanda, o país mais urbanizado da Europa. Nos tempos da Renascença, a cidade fora sinônimo de civilização, o campo de rudeza e rusticidade. [...] Contudo já bem antes de 1802, tornara-se lugar comum sustentar que o campo era mais bonito que a cidade. ‘Ninguém’ escrevia William Shenstone em 1748, ‘preferirá a beleza de uma rua à de uma relva ou um bosque.’ [...]. Em parte, essa convicção se devia à deterioração do ambiente urbano”.

Keith Thomas. “Cidade ou campo?” *O homem e o mundo natural*. São Paulo Cia das Letras, 1988, pp. 290-291

O autor Keith Thomas descreve no trecho um processo de urbanização que nasceu da Revolução industrial inglesa, ocorrida na segunda metade do século XVIII. Para o autor a relação entre esta revolução e a urbanização das cidades na Inglaterra caracterizava-se pela preferência em se viver:

- (A) nas cidades, que simbolizavam a nova ordem capitalista e industrial. Essa preferência se contrapunha à percepção do campo como o local de rudeza e atraso desde a época da Renascença.
- (B) nas cidades, que representavam a modernidade. Contraditoriamente, contudo, essa nova vida cidadina gerava uma nostalgia romântica da vida no campo, devido à deterioração do ambiente urbano, fruto da industrialização.
- (C) nas cidades e no campo simultaneamente. Trabalhava-se nas cidades e se residia no campo, transformado, desde a Renascença, em um anel verde e civilizacional das grandes cidades inglesas.
- (D) no campo, devido à deterioração do ambiente urbano. Os intelectuais percebiam que a tendência crescente de se morar nas cidades deveria ser combatida, mas o povo continuava a migrar para as cidades, agora industrializadas e poluídas.
- (E) nas cidades, que representavam o local de moradia do poder e da monarquia britânica, que patrocinou o processo civilizatório da renascença, que foi o berço da revolução industrial inglesa.

15 Leia atentamente o trecho abaixo sobre a produção e usos da farinha de mandioca (ou macaxeira) no antigo Grão-Pará colonial.

“A farinha de mandioca para um significativo número de grupos indígenas, mais que um alimento para lhes nutrir e dar energia para o cumprimento de suas atividades, ligava-se a um passado mítico, transcendente, um elo cultural com os antepassados, que lhes eram muito caros. Ao mesmo tempo, a farinha de mandioca contribuía para a viabilização de importantes empreendimentos coloniais, fossem civis ou eclesiásticos, como a edificação de missões, a manutenção de tropas de resgate destinadas a captura de índios, e o abastecimento de canoas voltadas para a coleta das especiarias sertão adentro. Assim se conclui que a oferta de farinha e seu controle pelos portugueses colonizadores poderia constituir-se em um importante meio de convencer os índios para passarem a habitar nas missões”.

Roberto Borges da Cruz. “A farinha de cada dia: apropriações e trocas alimentares na Amazônia colonial. In *Anais eletrônicos do IV Encontro Internacional de História Colonial*. Belém: 2012. <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/RBCruzFarinha.pdf>

Acessado em 19 de abril de 2013. Texto adaptado.

De acordo com o trecho acima e por seus conhecimentos, o papel da farinha de macaxeira na vida dos povos indígenas amazônicos no período colonial é caracterizado pela:

- (A) apropriação que os portugueses fizeram do papel mítico e cultural da farinha entre os povos indígenas. Assim a farinha tornou-se – na colonização amazônica – um elemento de integração cultural e trocas de saberes entre portugueses e diversos povos indígenas amazônicos.
- (B) deterioração do uso tradicional e mítico da farinha entre os povos indígenas e sua crescente produção e uso racional por parte dos portugueses. Estes passaram a produzir esse tubérculo visando a sua exportação. Essa produção encareceu o produto e simbolizou a exploração dos povos indígenas na região amazônica.
- (C) apropriação da produção da farinha pelo colonizadores. Ela foi utilizada pelos portugueses como um meio (nutricional e mítico) de atração de indígenas para as missões e catequese, bem como para manutenção de tropas e de canoas, que eram sustentadas pelo peixe salgado e pela farinha.
- (D) adaptação da produção de farinha aos moldes e à proporção adequada ao processo colonizador europeu. A farinha era produzida pelos índios, mas era industrializada pelos portugueses, sendo revendida dentro da política mercantilista do antigo sistema colonial.
- (E) apropriação da produção da farinha pelos colonos portugueses da Amazônia. Assim o produto (que antes era plantado pelos indígenas e servia de alimento para a alma e para os mitos indígenas), depois da colonização, passou a ser produzido pelos colonos portugueses, de forma “racional” e sem respeito à cultura indígena.



16 Leia o trecho do artigo escrito por José Maia Bezerra Neto. Depois, responda a questão proposta.

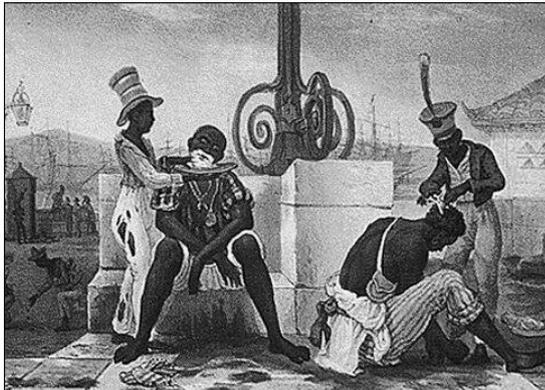
“No fim das contas, passado o tempo mais imediato das festas durante o mês de maio em torno da Lei Áurea de 13 de Maio, apesar de ela ter sido uma vitória do abolicionismo, inclusive dos escravos que tiveram papel importante na desconstrução da escravidão, a ressaca que viera depois sem tempo para passar acabou embotando o caráter polissêmico do 13 de Maio. Sendo enfatizado justamente aquilo que acabou ficando como expressão da força do gradualismo, ou seja, a Abolição como uma reforma ou modernização conservadora, não porque a escravidão fosse necessariamente antítese da modernidade, mas porque não tinha mais lugar no “ideal de modernidade”[e de republicanismo] que vingou no século XIX”.

José Maia Bezerra Neto. “O 13 de maio, a abolição e as visões de liberdade. Reflexões e inquietações sobre o fim da escravidão no Brasil” *Revista história e-história*. <http://www.historiahistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=130>. Acessado em 19 de abril de 2013.

Segundo a ideia do autor o significado do 13 de maio de 1888 resume-se no caráter:

- (A) vitorioso do abolicionismo radical, que – por meio de uma lei única e da abolição sem indenização – levantou a bandeira do papel dos ex-escravos na desconstrução da escravidão e do preconceito racial no Brasil após a abolição.
- (B) derrotista do abolicionismo gradualista e conservador e na consequente vitória dos abolicionistas civilizacionais e republicanos vanguardistas, que criaram o caráter polissêmico do 13 de maio e de sua radicalização.
- (C) unilateral do abolicionismo republicano no Brasil, que libertou os escravos sem indenização, mas os reutilizou como mão-de-obra barata na falta de outros braços, sobretudo nas lavouras de café e de cana de açúcar.
- (D) autoritário do movimento abolicionista, que impôs a abolição aos proprietários de escravos. Isso gerou a proclamação da República, quando subiram ao poder os republicanos, que desprezaram os ex-escravos, exilando-os em guetos e criando uma política segregacionista, que só foi abolida no período de 1930.
- (E) complexo do movimento abolicionista. Ao mesmo tempo que ele abriu caminho para que os escravos lutassem por sua liberdade, também rendeu votos aos conservadores que, com a república, perceberam os ex-escravos como a “antítese” da modernidade.

17 Atente para as duas pinturas que se seguem. Elas foram feitas pelo pintor e viajante francês Jean Baptiste Debret durante o final do período colonial e os anos iniciais do Império no Brasil.



Jean Baptiste Debret. “Prancha 11 - Barbeiros ambulantes”. In Jean Baptiste Debret. *Viagem pitoresca e história ao Brasil*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1988, volume 1, p. 187.



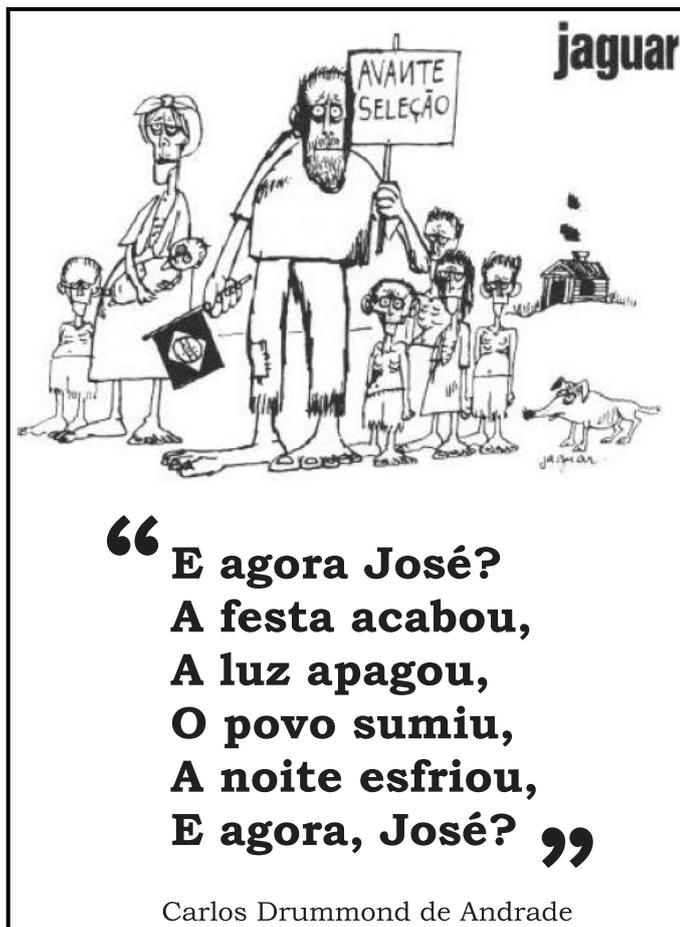
Jean Baptiste Debret. “Prancha 25 - Feitores castigando negros”. In Jean Baptiste Debret. *Viagem pitoresca e história ao Brasil*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, 1988, volume 1, p. 237.

De acordo com seus conhecimentos sobre o funcionamento da escravidão no Brasil colonial e imperial e pelas duas pinturas de Debret essa escravidão era

- (A) eminentemente africana e tinha como principal característica a repressão e vigilância constante dos feitores e de soldados aos escravos, fossem no campo como nas cidades. Os indígenas não eram escravizados, mas viviam sob condições de semi-escravidão, sobretudo na Amazônia.
- (B) mista. Nela os africanos viviam no campo, onde estavam sob o olhar atento dos feitores. Já os indígenas eram escravizados nas cidades onde viviam mais “livres”. Contudo tinham que prestar contas diariamente do que recebiam aos seus amos.
- (C) predominantemente africana, sobretudo no sudeste e nordeste. Nela havia diferenças entre os escravos do campo (que contavam mais com a presença dos feitores) e os escravos urbanos, (viviam nas ruas, fazendo tarefas diárias - escravos de ganho). Estes prestavam contas periodicamente aos seus donos.
- (D) mista. Nela os africanos eram escravizados para as grandes lavouras. Os povos indígenas, por sua vez, trabalhavam em tarefas domésticas cuidando de afazeres senhoriais como o fazer a barba, conforme esclarece a imagem primeira.
- (E) predominantemente africana, pois este tipo de escravo era utilizado tanto no campo como nas cidades. No campo havia um rígido policiamento senhorial e nas cidades essa monitoria era feita por feitores e homens de polícia de forma mais branda.



18 Observe atentamente a charge abaixo feita pelo cartunista JAGUAR para o jornal Pasquim em 1970. Depois responda a questão proposta:



Jaguar “E agora, José?” Charge publicada originalmente em 1970 no jornal Pasquim. Retirada do site do cartunista Jaguar. <http://alienacaobrasil.blogspot.com.br/2010/01/e-agora-jose-charge-de-1970-do-jaguar.html>. Acesso em 21 de abril de 2013.

A charge acima foi feita em 1970, durante a ditadura militar que se estabeleceu no Brasil em 1964, na ocasião da comemoração do tricampeonato de futebol que os brasileiros ganharam. A relação que o cartunista Jaguar estabelece entre os dois episódios é de:

- (A) proximidade, pois até o povo mais simples (os “José” da poesia de Drummond) comemorou a vitória da seleção brasileira, agradecendo ao governo da ditadura militar esta felicidade apesar de sua situação de pobreza.
- (B) conflito aberto entre o povo e o governo militar. O povo abaixava a bandeira brasileira e pedia que a seleção dos problemas brasileiros fosse tema nacional durante o regime militar no Brasil de 1970.
- (C) contradição, porque havia um clima de euforia e comemoração popular, mas o Brasil e nele seus “José” (metáfora do povo) viviam na miséria e sem direitos políticos.
- (D) conflito entre os mais ricos que comemoravam a vitória da seleção brasileira de futebol e os “José” (homens politizados e de esquerda) que pediam uma maior conscientização do povo para os problemas da ditadura militar no Brasil.
- (E) contradição entre a vida sofrida do povo brasileiro (o José da poesia de Carlos Drummond de Andrade) e a boa vida dos jogadores da seleção brasileira que ganhavam salários milionários depois da vitória na copa.



19 Observe com atenção as duas manchetes presentes nas capas de jornais abaixo e responda a questão proposta sobre o final da ditadura militar no Brasil.

Figueiredo sanciona lei da anistia com o nº 6683

Nato reclama excesso de cautela

Veto causa dúvidas no Congresso

ABI aplaude e pede ampliação

Artigo do Jornal do Brasil sobre a lei da anistia de 28 de agosto de 1979.
<http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?blogid=57&archive=2010-08>. Acesso em 19 de abril de 2013.

o jornal das DIRETAS

50.000 PRÁ COMEÇAR

Jornal tablóide da campanha
Diretas Já! – 1984
<http://historiarefletida.blogspot.com.br/2011/06/o-regime-ditatorial-militar-no-brasil.html>. Acesso em 19 de abril de 2013.

Os jornais selecionados discutem dois temas relacionados ao final da ditadura militar no Brasil. A relação entre os dois temas é fundamentada na ideia de que algumas mudanças apontavam para o fim da ditadura militar porque:

- (A)** os militantes revolucionários que fizeram a guerrilha do Araguaia voltaram ao Brasil com a anistia de 1979 e eles conduziram o povo brasileiro às ruas na campanha das “Diretas Já”, que pedia eleições diretas para presidente da república e o fim da ditadura militar.
- (B)** houve pressão popular por eleições diretas e pelo fim das prisões políticas. Pouco a pouco, o regime militar recuou e depois da campanha das eleições diretas para presidente, os militares tiveram de abrir para que fosse eleito diretamente Tancredo Neves.
- (C)** o governo militar, pressionado pelos EUA, teve que ceder e dar anistia política aos exilados pelo regime. Depois desse retorno, o povo animou-se a ir às ruas e pleiteou eleições presidenciais “já” e não em 1986. Dessa forma, os militares tiveram de antecipar as eleições, encerrando-se o período ditatorial no Brasil.
- (D)** o governo do general Figueiredo foi incumbido de extinguir (de forma lenta e gradual) a ditadura militar. O processo, contudo se acelerou com as greves do ABC paulista e com a crise do petróleo, fazendo com que Tancredo Neves fosse eleito diretamente em 1984 (Campanha pelas Diretas Já).
- (E)** houve pressões internas e externas: havia uma severa crise econômica e política. Também existia uma pressão popular pela liberdade de expressão e de voto (campanha pela anistia política e pelas eleições diretas para presidente).



20 Observe a tira de quadrinhos abaixo e o comentário sobre a personagem Mafalda. Depois responda à questão proposta sobre o período da Guerra Fria.



Quadrinho da Mafalda. http://www.fotolog.com.br/mafalda_tiras/52008648/. Acesso em 19 de abril 2013.

“De setembro de 1964 a junho de 1973, Mafalda incomodou o mundo dos adultos em 2.000 tiras publicadas na Argentina. Depois, ela voltou a aparecer apenas em campanhas políticas e institucionais. Guerra do Vietnã, armamento nuclear, racismo, Cortina de Ferro, nada escapava dos questionamentos da menina. (...) O filósofo Umberto Eco, que prefaciou a primeira edição italiana de Mafalda (1969), a definiu como “heroína que reivindica o direito de seguir criança, sem se responsabilizar pelo universo adulterado dos pais”.”

Augusto Gazir “Mafalda estava certa”. Folha de São Paulo, 12 de junho de 1998.
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq12069803.htm> Acessada em 19 de abril de 2013.

A tira da Mafalda e seu espírito descrito no texto acima enunciam uma postura do cartunista Quino sobre o assunto grave da Guerra Fria e da cortina de ferro no leste europeu. No humor de Quino (e de sua Mafalda) a felicitação de natal feita pela menina nada inocente ricocheteou na “maldita cortina de ferro” porque:

- (A) na época da Guerra Fria, a comunicação entre o ocidente e o oriente foi bloqueada. A ideia da “cortina de ferro” era fechar o território para a influência ocidental. Contudo o humor de Quino propõe que sua menina Mafalda fale aos dois mundos, mesmo com ricocheteios;
- (B) a cortina soviética (a de ferro) era fechada a todo o armamento ocidental. Assim Mafalda brinca com isso e propõe a volta de seu tiro de humor, satirizando os soviéticos e sua sociedade “maldita”;
- (C) Mafalda não acreditava que a uma felicitação de natal seguiria o rigor da censura soviética. Assim o desenhista Quino brincou com esta censura e a colocou a prova numa brincadeira que afrontava a ditadura militar soviética. A brincadeira, contudo gerou a expulsão do cartunista Quino da URSS em 1973;
- (D) a volta da felicitação de Mafalda significou o retorno à América Latina dos ideais soviéticos de socialismo e de comunismo, que prevaleciam na ideia heroica e bem humorada de seu personagem;
- (E) Mafalda confiava na cortina de ferro e no abrandamento de sua censura durante a época natalina. Como os soviéticos eram ateus e não acreditavam no Natal a tira satiriza este paganismo e chama de “malditos” os soviéticos que fecharam as portas para uma ingênua saudação natalina.



GEOGRAFIA

21 Humboldt é, antes de mais, um grande viajante naturalista: enquanto muitos geógrafos do seu tempo permanecem homens de gabinete, ele sabe que a pesquisa deve iniciar-se no campo.

CLAVAL, Paul, Historia da Geografia, Lisboa: Editora Edições 70, pág 64.

A concepção humboldtiana, apontada no texto, influenciou a

- (A) ideia de que os elementos naturais são mais importantes que o seu conjunto.
- (B) construção de uma metodologia de justaposição das informações de campo e de laboratório.
- (C) compreensão de que os fenômenos observados em campo se condicionam.
- (D) substituição da visão sistemática pela análise disparatada da natureza.
- (E) percepção de que a variação da escala não interfere na análise do fenômeno.

22 “As condições culturais, econômicas e políticas do início do século propiciaram as diretrizes intelectuais e científicas que mudariam o pensamento do século XIX e levariam as ideias ao positivismo, estruturado por Augusto Comte [...]”

ANDRADE, Manuel Correia de. Geografia Ciencia da Sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987, pág 49.(adaptado)

O contexto histórico, intelectual e científico ao qual o texto se refere, teve rebatimentos na ciência geográfica da época, como

- (A) introdução da geografia na escola elementar para fomentar a consciência clara do espaço em que se desenvolve sua existência.
- (B) ampliação do conhecimento dos mapas e rotas do comércio para os trabalhadores do comércio marítimo.
- (C) compreensão de que as realidades que envolve as diferentes sociedades são singulares e explicadas à luz das teoria sociais.
- (D) estabelecimento de leis gerais que regem a influência do meio sobre os grupos humanos.
- (E) a interpretação cosmopolita da Terra, segundo o qual, os fenômenos sociais e físicos encontram-se em harmonia.

23 A Geografia proposta por Ratzel privilegiou o elemento humano e abriu várias frentes de estudo, valorizando questões referentes à história e ao espaço, como: a formação dos territórios, a difusão dos homens no globo (migrações, colonizações etc) a distribuição dos povos e raças na superfície terrestre, o isolamento e suas consequências, além dos estudos monográficos das áreas habitadas.

MORAES, Antonio Carlos Robert de. Geografia Pequena História Crítica Annablume, 21ª ed. Pag. 71

As formulações de Ratzel para a sistematização do pensamento geográfico, tratadas no texto, refletem a influência do mundo de sua época. Esse contexto histórico e geográfico é representado pelo(a)

- (A) esfacelamento e divisão do território alemão, razão pela qual cria a teoria possibilista.
- (B) legitimação dos ideais expansionistas prussianos, sobre territórios europeus, asiáticos e Oceania.
- (C) avanço tecnológico para a elaboração de material cartográfico, como imagens e mapas da Terra.
- (D) divulgação da óptica darwinista, centrada na ideia de adaptação dos seres vivos ao meio e de sua evolução.
- (E) a ampliação das relações de comércio que refletiam a intensa industrialização da Alemanha.



- 24** Vidal de La Blache definiu o objeto da Geografia como a relação homem-natureza, na perspectiva da paisagem. Colocou o homem como um ser ativo, que sofre influência do meio, porém que atua sobre este, transformando-o.

MORAES, Antonio Carlos Robert de. Geografia Pequena História Crítica Annablume, 21ª ed. Pag. 81

A ideia de La Blache, expressa acima, mostra seu pensamento quanto

- (A) ao aspecto de que as necessidades humanas são capazes de superar as condições impostas pela natureza.
- (B) ao fato de a natureza oferecer os recursos necessários para a sobrevivência das populações, desde que seja de forma sustentável.
- (C) à transformação do meio natural pela sociedade, onde a relação é recíproca, o que nos induz a compreendê-las de maneira sistêmica.
- (D) à concepção da natureza vista como condição que determina a ação humana e que, por isso, as sociedades e seus segmentos são desiguais.
- (E) à adaptação do homem ao meio e à criação do acervo de técnicas, hábitos, usos e costumes que permitiam utilizar os recursos naturais.

25



<http://dezdimensoes.wordpress.com/2012/07/14/dimensao-extra-internacional-dimensao-do-espaco-e-lugar-ii-midias-locativas/>, acesso em 20 de abril de 2013

A imagem acima permite analisar a atual constituição do espaço geográfico de maneira que:

- (A) A ciência, a tecnologia e a informação estão na base de todas as formas de utilização do espaço, uniformemente distribuídas.
- (B) Participam da criação de novos processos a produção de novas espécies animais e vegetais, cujo resultado é positivo, especialmente, para eliminação da fome no mundo.
- (C) A cientificização e a tecnificação da paisagem e a informatização ou informacionalização do espaço que são percebidas nas escalas global e local.
- (D) Os objetos do meio técnico e a requalificação dos espaços atendem aos interesses do capital, refletindo em melhores condições de vida para todos os segmentos da sociedade.
- (E) O meio técnico científico informacional, apesar de sua atualidade, tem pouca interferência nas relações entre as pessoas com o mundo, permanecendo valores dos modos de vida locais.

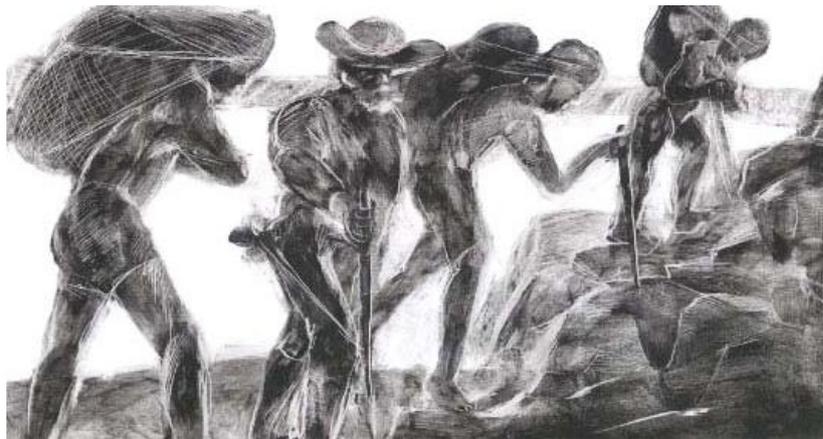


- 26** No lugar, nosso próximo, se superpõe, dialeticamente, ao eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando definitivamente, as noções e as realidades do tempo e do espaço.
SANTOS, Milton, A Natureza do Espaço, Técnica e Tempo, razão e emoção. 2ed. São Paulo, Editora Hucitec, 1997.

A partir da afirmação do autor, compreende-se o conceito de lugar como

- (A) resultado das relações estabelecidas no cotidiano, constituindo o espaço vivido.
- (B) configuração do espaço físico, natural e construído, dessa maneira portanto, desigual.
- (C) dimensão pontual, demonstrada cartograficamente no tempo e no espaço.
- (D) manifestação de sentimento topofílico, onde afloram as percepções emotivas.
- (E) atributo das necessidades existenciais dos seres vivos, localização da posição geográfica.

27



Pinto, Renan de Freitas- A viagem das ideias- <http://www.scielo.br/pdf/ea/v19n53/24083.pdf>, acesso em 21/04/2013

A imagem nos remete ao processo de formação do pensamento que construiu o território da Amazônia, como um espaço natural e cultural ao dos séculos XVII, XVIII e XIX. O pensamento em vigor nesse período era formado pela ideia do (a)

- (A) Igualdade racial, influenciada pelos princípios revolucionários do século XVIII.
- (B) Superioridade branca e europeia e fragilidade dos povos negros e indígenas.
- (C) Conservação da natureza, resultando na configuração das áreas protegidas.
- (D) Preservação dos modos de vida locais e divulgação dos saberes tradicionais .
- (E) Desenvolvimentismo, com a implantação de grandes projetos estrangeiros.

- 28** O discurso e a prática da unidade e da integração nacional foram refinados à medida que avançou o processo de industrialização e de ocupação do território. A partir dos anos 70, o Estado procurou adequar a estrutura territorial à nova etapa da industrialização e ao seu Projeto de Brasil Potência. Uma nova tecnologia espacial do poder estatal se desenvolveu, impondo no espaço nacional uma poderosa malha de duplo controle - técnico e político - correspondente ao conjunto de programas e projetos governamentais.

BECKER, Berta. Os Eixos de Integração e Desenvolvimento e a Amazônia. Fonte:
http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/06_4_becker.pdf. Acesso em 15 de abril de 2013.

Para a Amazônica, as ações do Estado, apresentadas no texto, materializaram-se no(a)

- (A) implantação de redes de circulação integradas como estradas, hidrovias, portos, ferrovias e aeroportos com capacidade de escoamento local, nacional e internacional da produção.
- (B) definição de pólos de crescimento locais, setorizados por processos de extração, transformação e comercialização de produtos.
- (C) fortalecimento do poder municipal, onde foram instaladas as indústrias extrativas, favorecendo sua inserção na economia nacional.
- (D) qualificação da mão de obra local como estratégia de absorção da classe trabalhadora pelas novas empresas e empreendimentos da região.
- (E) criação de novos territórios diretamente geridos por instituições federais, como as Áreas Protegidas, e superpostos à divisão político administrativa vigente.



- 29** A criação da Superintendência da Zona Franca de Manaus, em 1966, a extinção, em 1967, do Banco de Crédito da Amazônia, que sustentava com subsídios as tradicionais elites da região, indicam claramente a mudança da política para a Amazônia. Esclareceram também quem são os novos protagonistas do processo de (des)envolvimento regional.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Amazônia, Amazônias, Ed. Contexto, 2001, pág. 95.

Nesse contexto, e na análise do autor, os novos protagonistas da região Amazônica, correspondem à/ao(s)

- (A) gestores municipais e estaduais.
- (B) grande capital nacional e internacional.
- (C) elites tradicionais ligadas ao extrativismo.
- (D) organizações não-governamentais.
- (E) movimento dos trabalhadores rurais.

- 30** Foi justamente o avanço da tecnologia de satélites que permitiu ao homem olhar a Terra a partir do Cosmos e tomar consciência da unidade do globo como um bem comum, cujo uso deve repousar numa responsabilidade comum. Percebeu-se então que a natureza se tornará um bem escasso, e colocou-se o desafio ambiental como uma dupla questão: a da sobrevivência da humanidade e a de sua valorização como capital natural.

BECKER, Berta, & STENNER, Claudio. Um futuro para a Amazônia. São Paulo, Oficina de Textos, 2008, p. 36.

A inserção da Amazônia no contexto geopolítico ambiental, como tratada no texto, é compreendida pelo(a)

- (A) lógica da acumulação que valoriza a conservação e as formas tradicionais de localização e de uso dos recursos naturais.
- (B) centralidade que passam a ter no mundo os conceitos de biodiversidade e de sustentabilidade.
- (C) modificação do modelo de crescimento econômico, que estimula o uso dos recursos naturais renováveis e não renováveis.
- (D) atuação dos movimentos sociais e ambientais que provocou significativas alterações da legislação ambiental.
- (E) reconhecimento da importância das práticas populares regionais, e sua inclusão na elaboração dos projetos de planejamentos estratégicos regionais.

MATEMÁTICA

- 31** A pressão P em um recipiente varia com a temperatura T de acordo com a expressão $P(T)=e^T$ e a temperatura T varia com o tempo t de acordo com a fórmula $T=2\cos(t)+20$. A expressão para a pressão em função do tempo é:

- (A) $P(t)=2\cos(t)+20$
- (B) $P(t)=e^{2\cos(t)+20}$
- (C) $P(t)=20+2e^{\cos(t)}$
- (D) $P(t)=20e^{2\cos(t)}$
- (E) $P(t)=2\cos(t)+20e^t$

- 32** Uma área retangular é produto de duas distâncias x e y , ambas variando no tempo t . Se $x(t)=t^2$ e $y(t)=\cos(\pi t)$, a taxa de variação da área no tempo $t=1$ é:

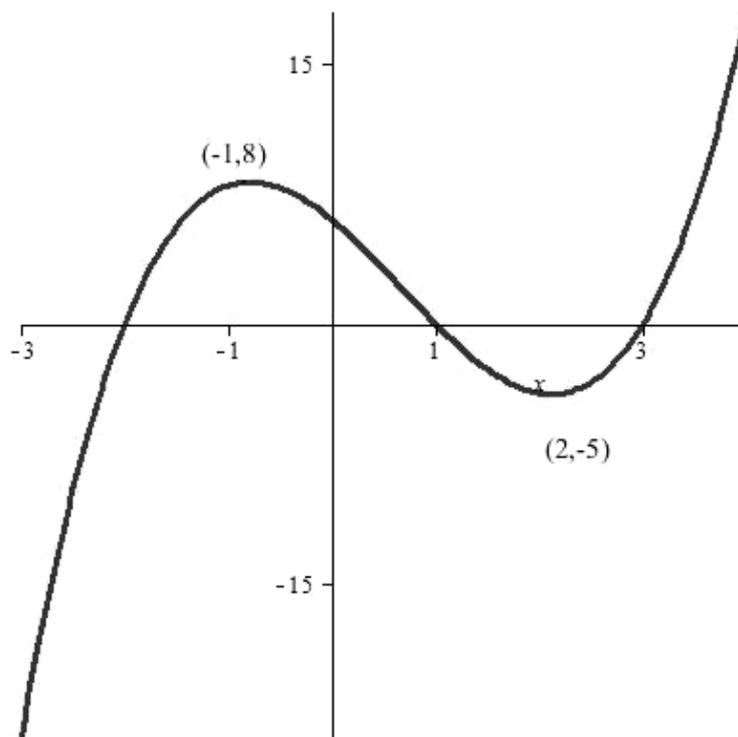
- (A) 1
- (B) 2π
- (C) -2
- (D) -1
- (E) 0



33 Um investidor, ao estudar o comportamento de preços de um produto agrícola, verifica que o preço P da tonelada do produto em reais tem um comportamento periódico dado pela fórmula $P(n)=120+20\text{sen}^2(n\pi/12)$, onde n significa o n -ésimo mês do ano. Se o investidor compra 10^5 toneladas do produto quando o preço é mínimo e o vende quando o preço for máximo, e desprezando os custos de armazenagem, terá um lucro em reais de:

- (A) $1,2 \cdot 10^7$
- (B) $2 \cdot 10^7$
- (C) $2 \cdot 10^8$
- (D) $2 \cdot 10^6$
- (E) $1,2 \cdot 10^6$

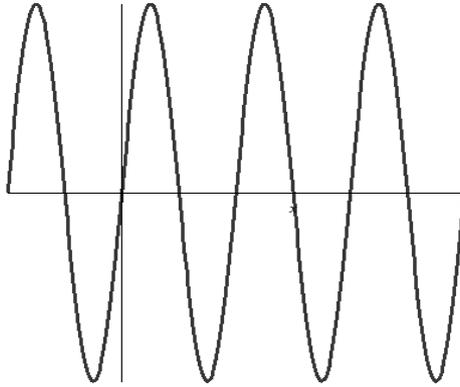
34 O gráfico de uma função $y=f(x)$ tem o comportamento como na figura abaixo. De acordo com esta figura, podemos afirmar que:



- (A) f tem derivada negativa para $x < -2$ e $1 < x < 3$ e derivada positiva para $-2 < x < 1$ e $x > 3$.
- (B) f tem derivada negativa para $x < -1$ e $x > 2$ e derivada positiva para $-1 < x < 2$.
- (C) f tem derivada positiva para $x < -1$ e $x > 2$ e derivada negativa para $-1 < x < 2$.
- (D) a imagem de f varia entre o mínimo de -5 e o máximo de 8 .
- (E) f tem derivada positiva para $x < -2$ e $1 < x < 3$ e negativa para $-2 < x < 1$ e $x > 3$.

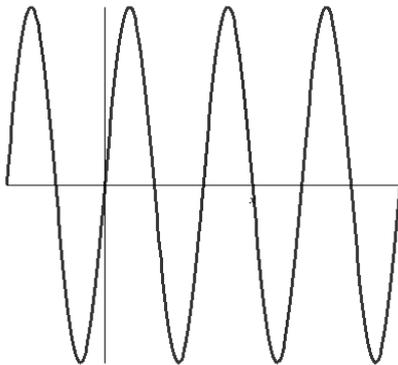


35 O gráfico de f é como na figura abaixo:

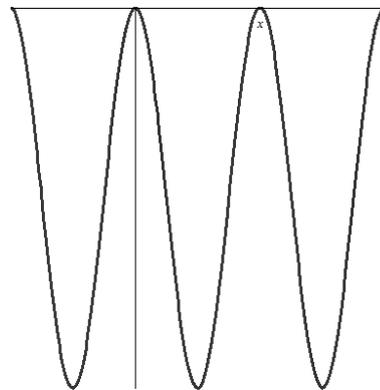


Se F é a primitiva de f com $F(0)=0$, seu gráfico é como abaixo:

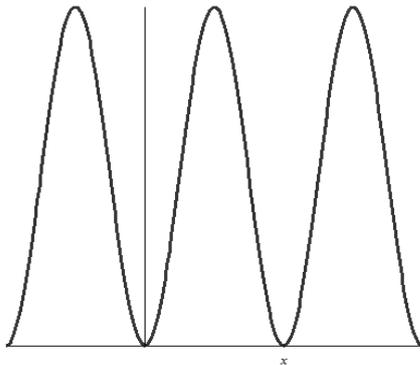
(A)



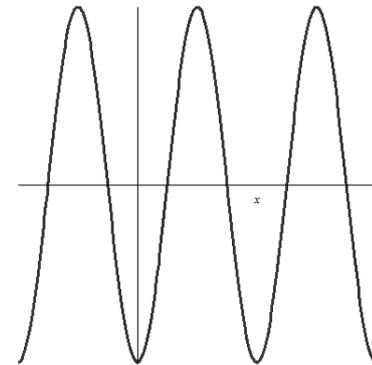
(C)



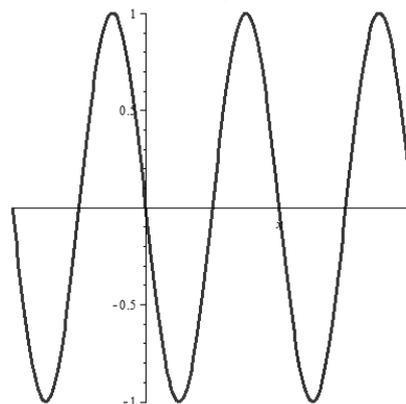
(B)



(D)



(E)





- 36** A área da figura limitada pelas retas $x=1$, $x=4$, e pelos gráficos das funções $y=x$ e $y = \sqrt{x}$ é
- (A) 15/6.
(B) 12/5.
(C) 3.
(D) 14/5.
(E) 17/6.
- 37** Se $I=\{x+y: x\in[-1,1] \text{ e } y\in[-4,2]\}$, podemos afirmar que I é o intervalo:
- (A) $] -5,3[$.
(B) $[-5,3]$.
(C) $] -4,2[$.
(D) $[-1,2[$.
(E) $] -4,1]$.
- 38** Duas empresas A e B competem no mercado com produtos similares. A empresa A vendeu em 1º de janeiro, 10.000 produtos e a variação de suas vendas V_A com o tempo t em dias é dada pela função $V_A'(t)=2$. A empresa B vendeu em 21 de janeiro, do mesmo ano, 8.000 produtos e a taxa de variação de suas vendas foi de V_B com o tempo t em dias de $V_B'(t)=3$. O número de dias necessários para a empresa B ultrapassar a empresa A, contados a partir de 1º de janeiro, em dias, será de
- (A) 2.000.
(B) 2.020.
(C) 2.040.
(D) 2.060.
(E) 2.080.
- 39** A velocidade de variação da altura h da água de um reservatório em termos do tempo t comportou-se de acordo com a função $h'(t)=2t$. Entre o instante $t=0$ e $t=10$, podemos afirmar que a altura da água aumentou:
- (A) 10.
(B) 20.
(C) 2.
(D) 100.
(E) 1.000.
- 40** Uma empresa encontrou que a taxa de variação das vendas seguiu a função $f(t)=t^2-4t+3$. Em vista disso, podemos afirmar que
- (A) as vendas cresceram entre $t=1$ e $t=3$.
(B) o máximo das vendas ocorreu para $t=2$.
(C) as vendas decresceram entre $t=1$ e $t=3$.
(D) o menor valor de vendas ocorreu em $t=1$.
(E) o maior valor das vendas ocorreu em $t=3$.